

HUSSERL E O SOLO DE SENTIDO DA CIÊNCIA: a pavimentação husserliana para uma perspectiva qualitativa

Rui Josgrilberg

Resumo

O texto aborda a perspectiva husserliana que reabilita a subjetividade como uma fonte incontornável na produção do conhecimento. Pela relação intencional com o sentido das coisas os componentes qualitativos são reconhecidos como parte da estrutura teórica do sentido desde sua manifestação originária. Analisa a crítica de Husserl à ciência abstrata no § 9 de *A crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental*, e a necessidade de revisar os conceitos científicos em sua gênese no mundo-da-vida. O forte componente qualitativo que aparece nessa crítica tem a pretensão de corrigir o ethos da ciência e os desvios das abstrações mecanicistas e matemáticas. A análise é estendida a alguns aspectos tecnocientíficos da “máquina global” contemporânea o que intensifica ainda mais a importância da pesquisa qualitativa no sentido de reatar o mundo-da-vida com a ciência.

Palavras chaves: Husserl, subjetividade, mundo-da-vida, pesquisa qualitativa, máquina global.

Abstract

The text approaches the Husserlian perspective as a rehabilitation of human subjectivity, an unavoidable source in the production of knowledge. The intentional relation with the sense of things implies a qualitative component recognized as part of the theoretical structure of meaning in its genetic manifestation. An analysis of Husserl's critique on abstract science in § 9 of *The Crisis of European Sciences and Transcendental Phenomenology*, make evident the need to revise scientific concepts and their genesis in the life-world. The strong qualitative component appears in this critique and has the boldness to redirect the ethos of science and its deviations through mechanistic and mathematical abstractions. The analysis is extended to some technoscientific aspects of the contemporary “global machine” which intensifies the importance of qualitative research in view of a reintegration of the life-world to the scientific work.

Keywords: Husserl, subjectivity, world-of-life, qualitative research, global machine.

Husserl foi um cientista que fez um esforço gigantesco para dotar a ciência de fundamento e de sentido. Para fazer esse caminho teve que assumir também o trabalho do filósofo e do lógico. Sua busca de uma ciência mais plena o tornou um severo crítico das ciências e das metodologias científicas mal formadas por conceitos tradicionais e não submetidos a um exame de raízes. Sua crítica à ciência não significa uma desqualificação, mas ao contrário, o fortalecimento daquilo pelo que tinha o maior apreço: o conhecimento científico bem fundado e plenamente consciente de suas responsabilidades. A ciência, através dos tempos, sobrepôs um conhecimento sobre outro conhecimento sem que se perguntasse por sua gênese; tratava-se de uma cegueira para as origens e um esquecimento de voltar-se para a fonte onde os sentidos se estruturam e recebem seus primeiros aportes categoriais e teóricos. O conhecimento passou a viver de um subsolo tão

ativo e monumental quanto esquecido ou ignorado pelo cientista. Esse descolamento da fonte é um dos sentidos que o conceito de abstração assume em Husserl quando se coloca contra a ciência abstrata.

Seu esforço começa por voltar-se para a psique como local de emergência do conhecimento; aproximou-se da Psicologia e estudou e trabalhou com Brentano e Stumpf, entre outros. O primeiro grande momento do qual brotaria a fenomenologia aconteceu quando a psique deixou de ser a psique dos psicólogos para ser uma psique mais fundamental. Modifica a intencionalidade de Brentano e concebe a consciência dotada de intencionalidade e uma subjetividade essencialmente voltada para o conhecimento (mesmo quando a questão é a afetividade ou o instinto, o valor e liberdade, a responsabilidade e a felicidade do ser humano). Mesmo ainda quando se trata das particularidades vividas do corpo. A subjetividade cognoscente opera por meio de todo um conjunto de possibilidades intencionais. Husserl desenvolve uma ideia de racionalidade totalmente modificada. Propõe-se a reconstruir uma racionalidade e uma lógica que se constituem em suas fontes mais profundas. Os desdobramentos teóricos e as relações de sentido dessa fonte mais profunda deveriam fornecer as bases para uma refundação das ciências.

Essa reformulação da subjetividade humana não apenas adquire novo sentido como se torna o eixo sustentador da produção de conhecimento. É do seio de nova subjetividade que se levanta uma série de críticas arrasadoras ao psicologismo, ao objetivismo e ao subjetivismo científicos. No lugar que ficou delimita uma subjetividade portadora de múltiplas intencionalidades capazes de darem conta do conhecimento e das ciências em geral. O ser humano dispõe de uma estrutura subjetiva comum que toma o sentido como estrutura e objeto de conhecimento que se desenvolve na imediaticidade da intuição. A subjetividade, tão injuriada pelos positivistas, para espanto de muitos, passa para o primeiro plano de observação e elaboração do conhecimento. O objeto científico antes submetido aos limites de controle experimental e quantitativo externo, é também agora, foco de estudo como subjetividade produtiva e originária capaz de falar de suas origens.

A subjetividade cognoscente voltada para as coisas e as relações como sentido/significação amplia a experiência e altera ênfases no conhecimento: a subjetividade quando parte do ato vivo, e não de conceitos já formados na tradição, abre o campo de uma retomada do sentido em

novo estilo. São colocados de lado os conceitos padronizados e sem reflexão fundadora para agora reaparecerem sob outra luz e nova vida: o percurso do sentido é reconstituído desde suas significações vitais até às suas expressões teóricas. É nesse contexto que surgem novos conteúdos e aparecem as inflexões qualitativas na estrutura do sentido.

Não podemos dizer que a ciência, mesmo abstrata, não tenha preocupações qualitativas. Muitos exemplos da física, da biologia, da matemática e, de um modo geral, as chamadas ciências sociais, as têm. O que a visada qualitativa renova são os qualitativos uniformizados por tradições obscuras, cridos, mas não tematizadas. As ciências falam de qualidade quando dizem “controle qualitativo da experiência”, “controle de qualidade”, “a qualidade do material”, “alto padrão”, “qualidade acadêmica”, etc. formulações que passam a funcionar mais ou menos como conceitos abstratos de algumas características padronizadas e ideológicas. Não é novidade na história da ciência as categorias de qualidade estarem sempre presentes (e fazerem parte de todas as tábuas de categorias da ontologia tradicional) junto com o quantitativo. Se hoje falamos em método qualitativo é porque, de algum modo, esses métodos devem superar a insuficiência do uso abstrato e revisar os conceitos qualitativos de modo vivo e capaz de interferir na produção do conhecimento. O sentido é originariamente portador da qualidade se visado de modo vivo; e, nesse caso, podemos falar de uma direção qualitativa primeira do ser humano. Desenha-se um novo lugar da pesquisa qualitativa, tão importante no mundo da ciência que sua irmã quantitativa.¹ A direção qualitativa é primeira no ser humano e o sentido já é, originariamente, portador de qualidades. A pesquisa qualitativa pode ser dada como uma preocupação primeira que parte do mundo-da-vida e se reata com o mundo da ciência: isto é, obriga o mundo da ciência a prestar contas ao mundo da vida. A pesquisa sobre a constituição do sentido é, assim, a pesquisa mais básica de todas em oposição ao mundo acadêmico que considera básicas as ciências chamadas duras, como pesquisa matemática, a física, a química, etc. Assim como Husserl viu na filosofia fenomenológica um fator terapêutico para a ciência em geral e para o etos da humanidade, assim também a pesquisa qualitativa é curadora em escala menor. Na perspectiva husserliana aquilo que hoje chamamos de pesquisa qualitativa, certamente não seria visto apenas como complemento que falta à ciência hoje praticada.

¹ Entendo que não devemos falar de ciência qualitativa ou ciência quantitativa, pois todas têm originariamente aspectos quantitativos e qualitativos. O que se questiona é a abstração de um deles.

A estrutura subjetiva com toda a pluralidade de intencionalidades, desde as mais encarnadas e situadas (como a intencionalidade operante) até às mais específicas do processo ideador, essa estrutura deve entrar no jogo de produção do conhecimento mais ativamente e com mais autoconhecimento e autorreflexão. O que se busca é o aprofundamento das qualidades que permitem ver o sentido visado significando para a vida em busca de sua realização mais feliz para todos.

A pesquisa qualitativa é uma pesquisa sobre o sentido e sua gênese com a participação da subjetividade que podem determinar como as coisas e as situações examinadas significam para a vida. Porém, subjetividade cognoscente carrega consigo o paradoxo denunciado por Husserl. No §53 de *A Crise*² Husserl enuncia sinteticamente esse paradoxo: trata-se de ser ao mesmo tempo sujeito para o mundo e objeto no mundo: “como uma parte integrante do mundo, a subjetividade humana contida por ele, pode ela, a subjetividade, constituir o mundo inteiro na constituição e formação intencional?” (Husserl, 1976, p. 204). A partir de 1906, Husserl modifica, replica e unifica tudo na constituição transcendental. A compreensão do paradoxo através da consciência transcendental, se tornou, por isso mesmo, o centro de uma discussão interminável em razão da constituição pela consciência transcendental.

O ser humano (sua subjetividade) é o horizonte de constituição do mundo, mas o mundo é também o horizonte de constituição da subjetividade ativa e pessoal. A subjetividade se constitui como fonte de manifestações originárias de qualidade que são próprias do mundo vivido e deverão ser reexaminadas com frequência, percebe-se, em relação com as estruturas do mundo-da-vida. O conhecimento está enraizado na própria vida; a vida é transcendentalmente constituída por alguns a priori fundamentais com os quais a subjetividade anônima encerra a subjetividade atuante nos limites de um mundo de sentido delimitado.

Husserl julga a epochè no limite da descrição eidética suficiente para o trabalho qualitativo da investigação contextual (Husserl, 1976, p.295). O objetivo da primeira redução faz o movimento de retorno do objeto em direção ao plano subjetivo intencional. Para a crítica da ciência mais profunda, e para a visão teleológica do sentido, a consciência transcendental de

² As citações são referências à tradução francesa *La crise des sciences européennes et la phénoménologie transcendantale*, de Gérard Granel (daqui para frente, simplesmente “La Crise”. O texto francês, que citamos, de *A origem da geometria*, está incluído no volume, é uma tradução de Jacques Derrida.

sua constituição é, para Husserl, essencial. As condições transcendentais do mundo-da-vida, do corpo, do sentido das coisas, aprofundadas na investigação husserliana, abrem o portal do mundo comum a todos, ao mesmo tempo que torna possível mundos culturais e pessoais mais específicos. Um mundo onde cabem todos os mundos.

Na quase aporia entre as duas possibilidades, a transcendental e o existencial, o caminho diverge entre os pesquisadores: uns adotam o limite da fenomenologia eidética sem necessidade de recurso à fenomenologia transcendental da constituição do sentido; outros consideram o caminho da fenomenologia transcendental absolutamente necessário para a relação consciência-mundo em termos de sentido e para uma crítica mais radical e teleológica da produção científica. Em qualquer um dos casos o mundo tem sua constituição em termos de sentido originariamente marcado pela orientação qualitativa da vida que faz parte da subjetividade que conhece com validade. Ou seja, a experiência de cognição viva e subjetiva é uma experiência marcada pelo qualitativo de nossa relação essencial com os sentidos das coisas.

A crítica à tecnociência na *Crise da Ciência Europeia e a fenomenologia transcendental*: Husserl e os impasses da ciência

Husserl teve muito cedo suas críticas às ciências condicionadas à experiência do meio (já nas *Ideias I*, em 1913 como *Umwelt*), como uma progressiva percepção do mundo-da-vida como sedimentação coletiva de sentido. O mundo-da-vida é o cotidiano com ambiguidades e ao mesmo tempo o local de recuperação de certezas. É o cotidiano de muitas noções, crenças comuns, valores, hábitos sociais, mas é também o solo de experiências primeiras. Dele parte a tradição e dele parte a possibilidade de reexame dos conceitos. Por isso mesmo entra na esfera da epochè como *noema* intesubjetivo e solo de objetividades da ciência. No seu último texto publicado em vida, a *A crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental* (1936) o filósofo realiza a crítica da ciência de um modo mais amplo e profundo levando a cabo o que começara nas *Investigações Lógicas*. A ciência é analisada em sua relação com o solo vivido (*Lebenswelt*) no qual ela se desenvolveu e do qual ela se abstraiu.

O que segue é uma reflexão sobre essa crítica, limitando-nos ao § 9 de *A crise*³, especialmente as últimas seções *g* e *h*, com uma breve consideração sobre o anexo a esse parágrafo, o texto manuscrito de Husserl sobre a *Origem da Geometria*.

Trata-se do parágrafo mais longo e um dos mais importantes da obra. O título do § 9 trata da *matematização galileiana da natureza*. Inicialmente chamamos a atenção para a seção *g* do § 9 que leva o título *A ciência matemática da natureza se esvazia de seu sentido na 'tecnicização'*.

Como é sabido Husserl, além de filósofo, foi um grande matemático com contribuições significativas na área. Ele retoma a questão e possibilidade de uma *mathesis universalis* ambígua do ponto de vista da aritmetização algébrica que abre uma perspectiva infinita, capaz de matematizar a natureza (e a vida) impondo um pensamento técnico operacional de cálculos que poderia ou não se harmonizar com os valores éticos e motivações profundas da subjetividade vivida do ser humano. A análise e sobre o modo Galileu de pensar o mundo é exemplar, e sua conclusão é incisiva: “O pensar originário que dá sentido e verdade ao comportamento técnico com seus resultados corretos (tal como a verdade forma de uma *mathesis universalis* formal) foi aqui colocada fora de circuito. ... mesmo sendo correto e, de certo modo necessário, tal tecnicização significa talvez sua derrota total de um pensar puramente técnico.” (Husserl, 1976, p. 54) Husserl constata “o perigoso deslizamento de sentido” (Husserl, 1976, p. 54) que se descola do mundo-da-vida e se aloja nas estruturas matemáticas de controle dos processos naturais e sociais, o qualitativo reduzido a expressões estereotipadas.

Quanto mais se amplia as cadeias de razões dedutivas possíveis, “mais abrangentes se torna a *mathesis universalis* formal.” (Husserl, 1976, p. 55) A possibilidade de transformar a natureza um domínio produtivo por meio da tecnociência faz do ser humano cada vez mais senhor da natureza. Mas, esse domínio técnico instrumental não é neutro. Ele serve a interesses cujo sentido não nasce de preocupações éticas ou motivações espirituais da subjetividade humana. Sem os fins próprios do ser humano individual e social ficamos à mercê de finalidades estabelecidas pela máquina social dominada pelo poder do dinheiro. O poder de uso é estabelecido por grupos de interesse que instrumentalizam a ciência e a tecnologia. O espírito humano (europeu) adoeceu por “um horizonte de sentido que sofreu uma mutação” e por “um

retorno reflexivo que se estancou muito cedo.” (id., p.56) Vivemos o processo de mecanização e tecnicização do mundo onde um método se apodera de todos os outros. (Husserl, 1976, p. 56)

A secção -h do § 9, traz o título significativo de *O mundo-da-vida como fundamento do sentido esquecido da ciência da natureza*, e trata da substrução ou oclusão mundo-da-vida pela matemática. “Galileu não se volta para questionar a ação doadora original de sentido”, escreve Husserl. (Husserl, 1976, p. 57) A ciência carece de autorreflexão. A “ideia inquietante” (id., p. 67) da perda da motivação originária da ciência (Husserl, 1976, p.67) faz nosso autor voltar-se para o solo existencial e para a abertura crítica da fenomenologia: “Toda meditação sobre os fundamentos ‘existenciais’ é por natureza crítica.” (Husserl, 1976, p. 69) Embora a fenomenologia não comece com a preocupação propriamente existencial ela se abre para a visão existencial crítica ou para uma crítica principial, nas palavras de Husserl. Husserl fala mesmo da necessidade de uma ‘libertação’ do conhecimento científico errante. (Husserl, 1976, p. 69) A questão é vista como a criação de outra natureza que se forma idealizada pela ciência. A ciência se desgarrou de seu sentido histórico manifesto desde sua profundação. (Husserl, 1976, p. 66) Galileu projeta uma ciência de matematização infinita (Husserl, 1976, p.61) da natureza e das coisas humanas, uma *mathesis universalis* que anuncia as possibilidades de uma ciência universal capaz de abranger todas as ciências possíveis.

O § 9 é subsidiado, na edição da *Husserliana* tomo VI, com vários anexos e apêndices que mostram o texto ainda fase de preparação e que também atestam sua importância. O anexo I trata já da matematização da natureza. Desde o início a questão é principial e aponta para a possibilidade de aritmética e álgebra universais (o que se concretiza com os algoritmos capazes de matematizar e logificar as situações mais complexas não sem as reduzir antes às próprias possibilidades matemáticas). A técnica matemática nos dá um mundo submetido a determinações formais em modos de controle e de uso. A visão de Husserl da ciência é amplamente projetiva de um futuro histórico que se concretiza.

No importante apêndice III ao §9 sobre *A Origem da Geometria* (com várias edições em separado, inclusive a mais famosa com a tradução de Jacques Derrida). Husserl nos oferece um robusto exemplo do questionamento retroativo em *zigue zague*, a fim nos mostrar a profundação da geometria. Trata-se de mostrar como a geometria nasce no mundo-da-vida por motivações, valores e racionalidade que se completam na atividade primeva da agrimensura

que precede a ciência. O qualitativo ainda germina. A riqueza do tema leva Husserl a tratar do tradicionalismo das experiências e das formalidades que se constituem até o surgimento da geometria mais plenamente elaborada entre os gregos. Toda a questão implica o tema do sentido e da linguagem. A encarnação linguística abre o mundo a objetividades e transmissões que transcendem o espaço e o tempo, permitindo, por exemplo, que a linguagem e a escrita de Euclides seja traduzida para muitas outras línguas. As formações originárias são precedidas por passividades e sentidos pré-reflexivos que formam uma unidade primordial com o sentido em gênese com a vida. A possibilidade de uma linguagem formal universal vem implícita nas ideias. Mas, de modo algum a linguagem formal universal substitui a linguagem vivida do mundo-da-vida. A substituição acontece por uma redução e enredamento da vida em formalidades. Essa neutralização do *Lebenswelt* é o que Husserl chama de oclusão ou substrução do mundo-da-vida. Husserl se mostra preocupado com essas superformulações lógicas (Husserl, 1976, p. 417) que nos distanciam dos sentidos originários e suas profundizações. O texto tem uma atmosfera de preocupação com a ciência errante por uma racionalidade exclusivista e que exclui as reflexões do sentido originário; as análises husserlianas sustentada por análises vigorosas antecipam muitos dos desdobramentos de uma ciência e de uma máquina universal de comandos formais.

O horizonte futuro que integra objetividades ideais e formais com a tecnicização do mundo exige de nós a consideração crítica do impacto desse modo de tecnociência sobre a natureza, a sociedade e a humanidade como todo. As questões não se restringem ao sentido das ciências. As questões assumem um caráter ético e a necessidade de libertar o ser humano da própria rede que ele está tecendo em volta da humanidade como um todo.

I. O paroxismo irracional da tecnociência

Husserl denunciou o “espírito doente” provocado pelo modo errático da ciência e apontou o “cansaço da Europa” (Husserl, 2002, p. 1; 1976, p.382) em relação ao vácuo entre o que se produziu em relação ao sentido e que gerou o maquinismo abstrato. Os sintomas parecem aproximar-se de um paroxismo global. Paroxismo é uma palavra que indica uma maior intensidade ou mesmo o auge de consequências; na medicina, significa o estágio em que os sintomas de uma doença se manifestam com maior intensidade. Empregamos a palavra nos dois sentidos.

Quando a matematização da natureza é vista como princípio que se sustenta somente com a linguagem dos números, segundo Galileu, e quando a matematização é superpotenciada numa máquina universal, similar à de Turing, capaz de processar tudo como algoritmos em um mecanismo que absorve programas variados e uma rede capaz de armazenar informações de muitos modos e acelerar a comunicação no mundo inteiro, temos que pensar nos resultados que podemos esperar. Podemos pensar a globalização de outro ângulo, paralelo às múltiplas teorias existentes. Podemos pensar a globalização do ponto de vista da tecnociência e ver suas estruturas como uma *máquina global*. É a realização do ideal renascentista da *machina mundi*. A máquina global aparece como um *fator novo* capaz de alterar profundamente o panorama político, social, histórico, econômico, educacional, artístico, ético, isto é, capaz de afetar a vida como um todo. A globalização se comporta nessa perspectiva como uma máquina global que, progressivamente, estende sua gestão ao mundo-da-vida como um todo.

A complexidade dessa máquina global pode ser visualizada em quatro pilares e sob um poder de comando geral. Em primeiro lugar, a máquina revela um sistema nervoso como uma realização da tecnociência. Este é primeiro dos pilares que fundam e possibilitam a sua expansão ilimitada sobre todo o mundo. A esse pilar essencial juntam-se outros três que se beneficiam e sustentam os resultados da máquina potenciada pela tecnociência: 1) o mercado, 2) os modos de produção material e intelectual, 3) a produção e tecnologia militar de ataque e defesa (que garantem o policiamento do mundo). Esses quatro pilares são integrados numa rede de decisões comandada pelo *sistema financeiro mundial*. O lugar de cada nação, hegemônicas e periféricas, se vêem bastante alterado pelo modo como elas se situam em relação à máquina global. Hoje, por trás dos estados nacionais funciona uma máquina global que é muito mais que um contexto de decisões. É um centro de decisão.

A formação da máquina global aparece como o resultado de um processo de mecanização abstrata que tem uma história modelar a partir de Galileu, mas passa por também por momentos como o de Alan Turing (o da inauguração da ciência como uma tecnociência), e a descoberta de novos componentes materiais com propriedades transmissoras como a do silício, além dos desenvolvimentos que se seguiram com a tecnologia da informação e as novas ciências.

Há algumas dezenas de anos atrás McLuhan tratou a tecnologia como extensões humanas e como próteses de nossas capacidades. Em suas primeiras fases a tecnologia moderna era, sobretudo,

material. Porém algumas próteses com implicações mentais poderosas já eram conhecidas e decisivas, como a escrita na antiguidade, a imprensa na época moderna. Hoje vivemos a espantosa revolução da máquina global comandada por algumas próteses mentais como supercomputadores e redes de troca de informações nunca antes imaginadas. Já se estuda intensamente a interface do cérebro com máquinas e fala-s de uma “*brainweb*” como possibilidade real. Numa visão materialista não fenomenológica, alguns neurocientistas estudam sem nenhum pudor o modo de como os cérebros podem manipular a consciência. Com o desenvolvimento da prótese mental global começa a se tornar inquietante a pergunta: quem é prótese de quem, a máquina global é prótese do ser humano ou o ser humano está se tornando prótese da máquina global? Em muitos casos o ser humano se comporta como prótese da prótese⁴

Hoje vivemos sintomas do paroxismo da máquina tecnocientífica que nos levam a impasses que apenas comprovam de modo superlativo a crítica e as projeções de Husserl sobre os desdobramentos da mecanização do espaço humano de sentido do mundo. A pesquisa qualitativa é ainda o esforço de superar valores impostos pela máquina com valores impostos pela vida. Um mundo pode cooptar o outro.

Considerações finais

A máquina global inverte as relações entre mundo da vida e a ciência. A relação compreensiva e ética se estabelece a partir do mundo da vida. A máquina global impõe suas próprias leis ao mundo da vida criando as distorções e os impasses mencionados.

A máquina global altera todas as relações humanas, da educação às relações econômicas e relações de poder entre as nações. Ela é o novo fator de equilíbrio ou desequilíbrio. O novo império é determinado por relações entre os países e a máquina global. Todo país, por mais hegemônico que seja, tem suas forças mediadas pela máquina global, o que de certo modo relativiza o poder hegemônico. Este depende do conserto de muitas outras nações em torno de um poder redistribuído na máquina. A época das nações imperiais acabou. A questão que se

⁴ Antes da prótese mental, a assimilação do homem à máquina foi excelentemente exemplificada no cinema retratando a mecanização industrial, como no famoso filme *Os tempos Modernos*, de Charles Chaplin; como exemplo de assimilação do ser humano à prótese mental. Hoje temos toda uma coleção de filmes que poderiam servir de exemplo.

coloca é se será possível ainda criar um etos de responsabilidade, de maior justiça, um etos de onde a felicidade seja algo que imponha um novo mundo de qualidade capaz de assumir outra direção para a *machina mundi*.

Provavelmente o ser humano será levado através do paroxismo dos impasses criados a tomar decisões entre viver com restrições qualitativas à máquina global ou ser engolido, talvez destruído por ela. Os impasses poderão alcançar níveis insuportáveis para o ser humano e devemos perguntar se o ser humano será capaz de estabelecer limites para o sistema financeiro, e controlar a máquina Seremos capazes de redesenhar um novo estilo de vida?

Para tanto será necessário superar o déficit qualitativo e ético em relação às possibilidades que a máquina abre para o ser humano.

A convivência com a destruição da natureza, com armas superpoderosas e regimes de policiamento do mundo, com uma educação cada vez mais instrumental (educação para...), com o aumento da violência e uma proposta de vida de diversão e hedonismo, com o progressivo aumento do desemprego, torna a vida humana no planeta não apenas problemática, mas coloca em questão a possibilidade mesma da vida humana.

Referências

1. Husserl, E., 1976, *La crise des sciences européennes et la phénoménologie transcendantale*, trad. et préf. Gérard Granel, Gallimard, Paris; Orig. Husserl, 1954, *Die Krisis der europäischen Wissenschaften und die transzendente Phänomenologie Eine Einleitung in die phänomenologische Philosophie*, Hua VI, Martinus Nijhof, Haag.
2. Husserl, E., 2002, *Renovación del hombre y de la cultura. Cinco ensayos*, intr. Guillermo Hoyos, trad. Agustín Serrano Haro, Anthropos, Barcelona-México.
3. HUSSERL, E. 2006, *Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica*. Trad. de Suzuki, M. São Paulo: Ideias e Letras.